JORNAL DO BRASIL

©JORNAL DO BRASIL S.A. 1990 | Rio de Janeiro — Sexta-feira, 9 de fevereiro de 1990 | Ano XCIX — Nº 305 | Preço para o Rio: NCz$ 10,00

Tempo

No Rio e em Niterói, céu claro, ocasionalmente nublado, e possibilidade de chuvas e trovoadas no fim da tarde. Temperatura estável. Máxima e mínima de ontem: 39º em Bangu e 21,3º no Alto da Boa Vista. Mar meio agitado e visibilidade boa. Foto do satélite, mapa e tempo no mundo, **Cidade**, pág. 2.

Loto

Três apostadores — do Mato Grosso, Paraná e São Paulo — acertaram a quina do concurso 686 e cada um receberá NCz$ 2.437.515,72. As dezenas sorteadas foram 20, 35, 41, 47 e 76. A quadra pagará NCz$ 31.117,22 a 325 acertadores, enquanto o rateio do terno para 12.673 ganhadores é de NCz$ 769,36.

Saque

Pelo menos dez das 560 lojas da Ceasa, incluindo três lanchonetes, foram saqueadas na madrugada de ontem por moradores do conjunto habitacional Amarelinho e das favelas de Acari e Jorge Turco, em Irajá. (**Cidade**, pág. 7)

Modelo morta

O delegado Carlos Augusto Camargo da Silva indiciou em inquérito por uso, porte e tráfico de drogas Ciro Roberto de Azevedo Marques, namorado da modelo paulista Adriana de Oliveira, que morreu há duas semanas em um sítio no interior de Minas Gerais. O delegado também indiciou o casal de amigos que os acompanhava e pediu a prisão dos três. (Página 12)

Vale refeição

Com juros diários de 3,3%, cresce o número de restaurantes que cobram ágio ou não aceitam tíquetes de refeição-convênio. Os comerciantes reclamam do prazo de reembolso de 15 dias. (Página 15)

Tombamento

O relações-públicas do Forte de Copacabana, major Richard Ricci, disse nada ter a declarar sobre o tombamento, sob a alegação de que o Comando Militar do Leste ainda não foi informado oficialmente da decisão do governador Moreira Franco. (**Cidade**, página 3)

Poluição

Petroleiro deixou vazar 250 mil galões de óleo cru (cerca de um milhão de litros) no Oceano Pacífico, ao Sul de Los Angeles. A maré negra já matou aves marinhas e ameaça as baleias cinzentas, cuja migração anual acontece nessa época ao longo da costa da Califórnia. (Página 7)

Gardenal

Pesquisa comprova que o fenobarbital, substância ativa do Gardenal, remédio para epilepsia vendido no Brasil há 30 anos, interfere no desenvolvimento intelectual de crianças com menos de cinco anos e não deve ser usado para aplacar convulsões provocadas por febre. (Página 7)

Demissão

O presidente da Caixa Econômica Federal, Paulo Mandarino, pediu demissão do cargo depois de ser surpreendido pelo decreto do presidente Sarney que nomeou Flávio Adalberto Jussiani Ramos como diretor de Administração e Recursos Humanos. (Página 14)

Cotações

Dólar oficial: NCz$ 21,360 (compra), NCz$ 21,467 (venda). Dólar paralelo: NCz$ 46 (compra), NCz$ 47,50 (venda). Dólar turismo: NCz$ 44 (compra), NCz$ 46,60 (venda). BTN fiscal: NCz$ 20,1703. BTN: NCz$ 17,0968. Unif plena para IPTU, ISS e Alvará: NCz$ 276,52; taxa de expediente plena: NCz$ 55,30. Unif diária para IPTU, ISS e Alvará: NCz$ 326,32; taxa de expediente diária: NCz$ 65,26. Uferj: NCz$ 246,10. UPC: NCz$ 119,21. MVR: NCz$ 305,36. Salário Mínimo: NCz$ 2.004,37. Salário Mínimo de Referência: NCz$ 683,87 (40 BTNs). VRF: 172,20.

Crise ameaça deixar Rio sem álcool

Os donos de carros a álcool no Rio, que já vêm enfrentando sérios problemas com o abastecimento, poderão ter dores de cabeça ainda maiores neste fim de semana. As distribuidoras já avisaram que não têm álcool para fornecer hoje aos revendedores. Os estoques da Petrobrás totalizam apenas 200 mil litros, contra uma demanda de 3 milhões no Grande Rio. Uma mistura de álcool vínico com álcool anidro e hidratado está sendo providenciada pela Petrobrás, mas só fica pronta domingo. Além disso, não é considerada de boa qualidade, pois forma um resíduo que gruda nas peças e entope o motor.

Em Brasília, o juiz Ilmar Galvão, do Superior Tribunal de Justiça, decidiu liberar provisoriamente o uso do metanol em todo o país — com exceção do Rio — até a próxima terça-feira. Do lado de fora do STJ, frentistas fizeram um ato de protesto. No Rio, a questão do combustível agravou-se com a greve do metrô e dos ônibus, pois andou-se mais de carro e muitos frentistas não foram trabalhar. (Página 13 e *Cidade*, págs. 1 e 5)

Dilmar Cavalher

Muitos recorreram a Kombis, ônibus escolares e até caminhões para chegar ao trabalho

Greve de ônibus continua, mas o metrô vai funcionar

Embora se espere para hoje uma paralisação menor do que a de ontem, quando os ônibus sumiram inteiramente das ruas pelo menos durante a manhã, motoristas e cobradores do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Duque de Caxias continuam em greve, agora com a ameaça de adesão dos rodoviários de Niterói. Mas o metrô carioca volta a funcionar.

Autorizados a fazer lotação, motoristas de táxi cobravam de cada passageiro NCz$ 100 por uma corrida do Centro à Zona Sul. Caminhões, Kombis e ônibus escolares foram improvisados como transporte coletivo. O que não houve foi esquema de emergência dos governos municipal e estadual. Apesar do incômodo, não houve incidentes e quebra-quebra.

Muita gente faltou ao trabalho, mas na Barra da Tijuca Luis Rodrigues Costa, vigia noturno, caminhou mais de 10 quilômetros até a sua casa, numa favela de Jacarepaguá. Os bancos registraram a ausência de 30% de seus funcionários e o índice de faltas no comércio foi ainda maior: 60%. Na Petrobrás, que fechou mais cedo, faltaram 3 mil dos 7.500 funcionários.

Para piorar, faltou álcool combustível. Com a multiplicação de carros particulares no trânsito, a procura de álcool foi tão grande que alguns postos racionaram o produto. No rush do fim da tarde, o Centro do Rio parou, com um engarrafamento que entrava pelo Aterro do Flamengo, na saída para a Zona Sul. (*Cidade*, págs. 1, 4 e 5)

Motim termina com 2 mortos em Vila Velha

A Polícia Militar do Espírito Santo invadiu, no início da noite de ontem, a penitenciária de Vila Velha, município limítrofe de Vitória, e conseguiu libertar 15 pessoas que estavam em poder de um grupo amotinado desde a noite de quarta-feira. Alguns dos reféns, entre eles o próprio secretário de Justiça e 10 jornalistas, saíram com ferimentos leves e um deles fraturou as pernas ao pular de uma janela, mas todos conseguiram fugir. No momento da invasão, havia uma briga entre os presos, na qual acabaram mortos dois dos líderes do motim. (Página 6)

Náufragos da regata voltam para os EUA

Os 25 tripulantes do barco americano *Congere*, que liderava a Regata Buenos Aires-Rio até encalhar e naufragar na segunda-feira, começaram ontem viagem de volta para casa ao embarcar em Porto Alegre. Irritado, o proprietário e capitão do veleiro, Bevin Koeppel, falou sobre o naufrágio, nas proximidades da cidade de Rio Grande, a 210 quilômetros da capital gaúcha. Não houve vítimas e a perda do barco será coberta pelo seguro. O veleiro argentino *Remacho* agora lidera a regata e entre os primeiros colocados não há nenhum brasileiro. (Página 21)

A farsa da greve perfeita

Não mais de 70 pessoas decidiram, ontem, pelos 20 mil motoristas e trocadores do Rio, que a greve dos ônibus vai para seu segundo dia. E o pior é que vai mesmo — não pela força de persuasão dos 70 gatos pingados reunidos na Rua Camerino, no Centro da cidade, onde fica a sede do Sindicato dos Rodoviários, mas porque sua assembléia é o primeiro elo de uma farsa que, ela sim, sustenta e viabiliza a greve.

O segundo elo está nas garagens onde os ônibus se entocam. Na Auto Viação Jabour, em Campo Grande, na Zona Oeste — para tomar apenas um exemplo —, ontem havia funcionários dispostos a trabalhar. Mas a empresa não deixava seus ônibus saírem, alegando o risco de depredação por piqueteiros, apesar da evidente tranqüilidade do movimento.

Sobre a farsa da categoria unida e coesa, ainda que impulsionada por uma pífia representação, montava-se outra, a do temor dos piquetes. Na verdade, o que há é uma comunhão de interesses que faz com que tanto funcionários quanto empresários — mas ainda mais os empresários — queiram manter os ônibus parados. Ou seja: isto é tanto uma greve quanto um locaute. Ou, talvez, mais ainda um locaute do que uma greve.

Os empresários negam que estejam mantendo os ônibus na garagem. Mas não há dúvida de que, pelo menos, fazem muito pouco para que eles circulem, e, enquanto isso, com tanta ênfase quanto a dos funcionários ao reivindicarem aumento de salários, querem um pretexto para o aumento das tarifas. A greve, que surgiu da luta do trabalho contra o capital, foi assim domesticada, criando a promiscuidade de classes. Empregados e patrões unidos jamais serão vencidos.

Londres — AFP

Charles ouviu Collor detalhar suas idéias ecológicas

Diário de viagem

O encontro da Dama de Ferro com o antigo Caçador de Marajás foi marcado pela cumplicidade que se espera de pessoas igualmente determinadas e inabaláveis no combate contra o Mal. "Muito prazer em vê-lo novamente", disse a primeira-ministra Margaret Thatcher, com um largo sorriso, referindo-se ao encontro anterior, quando Collor ainda era candidato. A entrevista com Thatcher foi um dos pontos altos da passagem do presidente eleito Fernando Collor de Mello pela Inglaterra, sétima etapa de sua viagem a nove países. Outro foi a reunião com o herdeiro do trono inglês, o príncipe Charles, que ainda na terça-feira pronunciara um duro discurso contra a política brasileira para a Amazônia, na qual vê um "genocídio". A estratégia de Collor foi amansar o interlocutor começando por lembrar que são ambos "da mesma geração" — Charles com 41 anos, ele com 40.

O melhor do dia, porém, foi a história que Collor contou durante seu almoço com empresários ingleses. Disse ele que em seu encontro da manhã, com o secretário de Comércio e Indústria, Nicholas Ridley, mencionara a idéia de abater a dívida brasileira com uma mesa de ouro doada por Dom João VI aos ingleses, hoje num museu de Wellington. A resposta de Ridley foi que, quando visitou o Rio, viu que havia uma enorme favela nas vizinhanças do consulado britânico, e compreendeu então por que a conta de luz, ali, era tão alta — toda a favela era conectada à sua caixa de eletricidade. Na verdade, Ridley falava de algo quase tão velho quanto Dom João VI — a antiga sede da embaixada inglesa, na Rua São Clemente, ao pé do Morro Dona Marta, hoje ocupada pela prefeitura. Isso não o impediu de concluir, porém, que via naquela astronômica conta de luz a contribuição britânica para o pagamento do serviço da dívida brasileira. (Páginas 2 e 3)